

# Editorial

## O caos nas relações humanas no contexto da COVID-19

Marco Orsini

*Médico e Professor Adjunto da Universidade de Vassouras e Universidade Iguazu*

*Editor Científico da Revista de Saúde*

Se os leitores me permitirem definir a palavra generosidade, creio ser uma força que funde sentimentos supremos como amor, paixão e delicadeza. Também aponto para uma tendência dominante e genuína entre indivíduos, um altruísmo. Quem é generoso reconhece a humanidade do outro, assim como qualidades e limitações, e oferta um legítimo gesto de apreço. Embora existam indivíduos com tais apetrechos multifacetados de sabedoria, harmonia, racionalidade e capacidade de escuta, me parece que a sociedade adoeceu.

Com a COVID-19 também emergiu uma doença social. Em um país cujas informações científicas parecem pouco compreendidas, surgem polarizações sem que o cerne da questão seja a pauta. A visceralidade das pessoas atingiu uma proporção tão aguda, que uma simples discordância por qualquer assunto que envolva COVID-19, parece acender um barril de pólvora. As vezes acho que todos pensam a mesma coisa, mas são incoerentes e primatas por não permitir que os lobos frontais e pré-frontais comandem o processo psíquico.

A questão é que uma doença não é o ciclo do patógeno. Isto é, ao vivermos em sociedade – e numa sociedade desigual e populosa como o Brasil – a doença é, também, social. Ela encontra em nossa fragilidade intelectual um espaço perfeito para se proliferar rápido e com muita eficiência. Qualquer doença “adora” ignorância e desinformação. Esse é o melhor meio de “cultura” para um agente perpassar pontes e provocar o caos. Esta sociedade em que vivemos não é (nem poderia ser) homogênea – ela está apodrecida. Ela é formada por um conjunto de sujeitos (indivíduos) que questionam e modificam a sociedade, ao passo que a sociedade forma e transforma sujeitos. Existem também aqueles que não questionam e os que questionam sem saber o que. Esse é o nosso retrato. Uma desorganização social.

O medo é uma reação natural ao desconhecido. Ele não assusta muito, pois nos permite criar estratégias para soluções. Já o pânico é cruel, sendo capaz de provocar e evocar atividades insensatas e potencialmente perigosas. Situações como a de uma pandemia tendem a despertar sensações de desamparo e descontrole, que acabam por exacerbar o medo e a insegurança inerentes aos processos de adoecimento coletivos. Me parece que o melhor antídoto para sairmos menos lesados dessa situação são pitadas de conhecimentos que possam ser compreendidos por todas as classes sociais. A utilização de fontes de informação confiáveis é um meio de tranquilização e reassentimento frente ao aparente caos que adoecimentos coletivos podem propiciar. Reforço que o causador do adoecimento psíquico é o descaso com a nossa população. Uma população sem nivelamento histórico e político, abandonada e desamparada é tudo que o Sars-Cov2 precisa. O lucro com o descaso e a morte são, infelizmente, a marca que o Brasil está deixando nessa pandemia.

Vassouras, novembro de 2021.